



CICLO MUNDOS 2019

CICLO MUNDOS – Fundação INATEL

UMA PROPOSTA MUSICAL INTERCULTURAL INTERGERACIONAL E UNIVERSALISTA

Desde 2016, no âmbito de uma parceria global com o Festival Músicas do Mundo de Sines, que a Fundação INATEL promove, em Lisboa, no Teatro da Trindade INATEL a iniciativa musical Ciclo Mundos, programa anual que abre caminho e dá espaço à música que se faz no mundo, protagonizando uma atitude que reflete e representa os valores e os grandes propósitos que enquadram a atividade da Fundação.

O Ciclo Mundo, que vai para a sua 4ª edição, pretende gerar sinergias e oferecer ao público uma proposta musical intercultural, intergeracional e universalista, com fortes raízes nas culturas populares, numa Lisboa multicultural, posicionando-se como um espaço plural que acolhe e celebra o legado intangível da Humanidade, reafirmando e projetando o seu respeito pelas tradições culturais.

Neste contexto, em 2019, serão apresentados 16 concertos com músicos de 17 diferentes nacionalidades, culturas e géneros musicais. No palco do Teatro da Trindade INATEL, sala icónica do espetáculo e do teatro em Lisboa, vai também dialogar a música portuguesa, com a atuação de grupos musicais portugueses na primeira parte dos concertos.

Reafirmamos que habitamos um mundo global. Onde a transversalidade se impõe e onde a música é um fenómeno de penetração cultural. Consegue-se assim um contacto intercultural favorável a uma melhor compreensão das tradições e a uma apetência social superior, no que respeita à sua reinvenção e à sua inovação. E sempre respeitando os grandes princípios civilizacionais comuns a todas as culturas.

Esta Lisboa que sempre teve uma histórica vocação enquanto ponto de encontro de culturas, portanto um lugar de diversidade multicultural, corresponderá nos dias de hoje ao desafio da preservação e estímulo de uma cultura de paz e de aceitação do outro. Não será demais sublinhar que, a cada dia que passa, a Fundação INATEL contribui, mais e mais, para o crescimento e desenvolvimento de um bem-estar individual que é vivenciado nos valores e objetivos que a definem, no quadro de uma economia social que caminha, de mãos dadas, com a diversidade cultural.

É assim que cumpre a sua missão, qual seja a de estar presente e ativa num mundo global e cultural que começa aqui, ao seu lado, na sua, na nossa comunidade, neste lugar geométrico de encontro que é o Ciclo Mundos.



Francisco Madelino
Presidente do Conselho de Administração

CICLO MUNDOS 2019

PROGRAMA

26 FEV

RECANTO Portugal 6

MARI BOINE Noruega 7

19 MAR

O GAJO Portugal 8

LE TRIO JOUBRAN Palestina 9

23 ABR

MARTA PEREIRA DA COSTA Portugal 10

LADYSMITH BLACK MAMBAZO 11

África do Sul

30 ABR

REALEJO Portugal 12

SOFIANE SAIDI & MAZALDA Argélia 13

14 MAI

MAGANO Portugal 14

BEATRIZ NUNES Portugal 15

28 MAI

URZE DE LUME Portugal 16

REFUGEES FOR REFUGEES BAND 17

Síria/Tibete/Paquistão/Iraque/Afeganistão/Bélgica

11 JUN

BLICK BASSY Camarões 18

NIÑO DE ELCHE Espanha 19

12 JUN

TOQUES DO CARAMULO Portugal 20
AMADOU E MARIAM Mali 21

16 JUL

ANTÓNIO CHAINHO Portugal 22
RÃO KYAO Portugal
UXÍA Galiza 23

15 OUT

TÓ TRIPS Portugal 24
LEYLA McCALLA EUA/Haiti 25

29 OUT

GALANDUM GALUNDAINA Portugal 26
MELINGO Argentina 27

19 NOV

LULA PENA Portugal 28
MUZZIKÁS Hungria 29

17 DEZ

CAPICUA Portugal 30



©Hugo Lima

26 FEV
TER 21:00

RECANTO

Portugal

Recanto é um duo que tem como paixão as Músicas Antigas de Raiz Tradicional.

A Música dos Recanto é uma festa e um convite a uma Viagem na Máquina do Tempo...

Os Recanto apresentam em palco um espectáculo completo, uma viagem pelos recantos musicais do mundo. Instrumentos como o Didgeridoo da Australia, os Berimbaus Europeus, os Tambores, as Cordas (Guitarra, Bouzouki, Sanfona) e o Canto em Português, convidam o público a uma experiência onde a festa e a boa disposição andam de mãos dadas!



©Gregor Hohenberg

MARI BOINE

Noruega

Imagine o gelo e a neve da paisagem do Ártico, o frio amargo do vento do Norte, o indício de um azul irresistível sob um lago cristalizado. Feche os olhos. E comece a ouvir. A ouvir de verdade. Pressente-se uma voz antes mesmo desta se fazer ouvir. É incomparável.

É uma voz que traz paisagem à vida com uma pureza hipnotizante; uma voz que representa mil anos de ligação ancestral a um espaço gélido e inflexível. Esta é a Mari Boine. Música. Compositora. Cantora. Uma desbravadora de géneros musicais com gosto por jazz, folk, rock e música do mundo. Uma artista cuja música é inspirada nas suas raízes Sámi. Uma mulher com a consciência de si, das suas origens e do que representam. Um ícone da música que inspirou artistas indígenas em todo o mundo. Mari Boine. Tem alma.



©Vera Marmelo

19 MAR
TER 21:00

O GAJO Portugal

O GAJO nasce em Lisboa na primavera de 2016 pelas mãos de João Morais com o intuito de ligar a sua música à terra que o viu nascer, Portugal.

É assim que surge a relação com a Viola Campaniça, um instrumento de raiz tradicional que faz parte da história centenária e cultural portuguesa. Também designada por Viola Alentejana, a Viola Campaniça era o instrumento musical usado para acompanhar os célebres cantares à desgarrada, ou "cantes a despique", nas festas e feiras do Alentejo. É a maior das violas portuguesas e possui 5 ordens de cordas tocadas tradicionalmente de dedilhado apenas com o polegar.

João Morais é músico desde 1988 e depois de quase 30 anos a tocar guitarras vindas de fora, é num concerto em Beja que conhece a Viola Campaniça. A que traz para Lisboa ganha novas tonalidades afastando-se da linguagem mais tradicional mas mantendo intacta a sua Portugalidade. As composições d'O GAJO podem soar a fado, mas não são fado, podem soar a música tradicional, mas não são música tradicional, são um híbrido disso tudo e muito mais. O GAJO toca música do mundo e para o mundo!



©Myriam Boulos

LE TRIO JOUBRAN

Palestina

Três irmãos, três “ouds”. Samir, Wissam e Adnan. No palco e no estúdio cruzam os seus instrumentos como três vozes solistas para formar uma só. O oud, alaúde oriental, tornou-se a voz da sua alma, o bater do coração do seu ser com que formam apenas um. Três sempre. Nas suas composições, cada um traz o seu contributo, sem nunca fazer sombra aos outros dois. Porque para eles, a música faz sentido apenas a três. Nos Joubran, o virtuosismo nunca dá lugar à demonstração. O que está em jogo, nestes originários da cidade da Nazaré na Palestina, descendentes de uma longa linhagem de luthiers é a perpetuação de uma tradição. Uma tradição que eles também renovaram profundamente pela sua inovação no “oud”, esse instrumento solo que eles conjugam maravilhosamente no plural. Com uma crescente reputação: do Olympia em Paris ao Carnegie Hall em Nova York e às Nações Unidas, sempre com casa esgotada.

No palco, acompanhados pela percussão, as suas composições dão espaço ao seu excepcional talento para a improvisação.

O Egipto tinha Oum Kalthoum, o Líbano Fayrouz. A Palestina tem agora o trio Joubran.



@Rui Aguiar

23 ABR
TER 21:00

MARTA PEREIRA DA COSTA

Portugal

Marta Pereira da Costa é, provavelmente, a única guitarrista a tocar Fado profissionalmente a nível mundial.

Em 2014 foi distinguida pela Fundação Amália Rodrigues com o “Prémio Instrumentista”.

Em 2016 editou pela Warner Music Portugal o seu álbum de estreia, homónimo, um dos discos mais bem recebidos pelo público e pela crítica nesse ano.

O disco viaja por sonoridades desde o Fado e repertório da guitarra, ao Jazz e World music, e contou com a participação do baixista Richard Bona, Camané, Dulce Pontes ou Rui Veloso, entre outros.

Desde então os concertos não pararam, dentro e fora de Portugal, e aos poucos Marta tem conquistado o seu espaço e nome na história da nova geração de guitarristas.

Em palco a guitarrista acrescenta aquilo que não pode ser gravado: o coração da mulher que fez da guitarra um prolongamento da sua alma.



©Bugs Steffen

LADYSMITH BLACK MAMBAZO

África do Sul

É um ícone da música sul-africana. Desde a sua colaboração com Paul Simon, no álbum “Graceland”, à sua viagem com Nelson Mandela para a cerimónia de entrega do Nobel da Paz, têm sido responsáveis por levar a música coral dos mineiros e camponeses zulus a públicos do mundo inteiro. Formados no início da década de 60, têm mais de seis dezenas de álbuns gravados, 19 deles nomeados para os Grammy e quatro a conseguir o prémio.

Depois de o fundador do grupo, Joseph Shabalala, se ter retirado em 2014, são agora os filhos Thulani, Sibongiseni e Thamsanqa a preservar o legado e a transportá-lo para o futuro.



©Pedro Ventura

30 ABR
TER 21:00

REALEJO

Portugal

Formado em 1990, o grupo Realejo dedica-se à criação e interpretação de música das tradições europeias (a partir da Idade Média), com especial incidência na música para sanfona, instrumento que havia desaparecido completamente no nosso país durante o século XIX.

O grupo utiliza instrumentos tradicionais portugueses, a maior parte dos quais construídos por Fernando Meireles que é, actualmente, o único construtor de sanfonas em Portugal.

Com três álbuns editados, o Realejo já realizou mais de 200 espectáculos em todo o país e no estrangeiro.

A partir de 2000, o grupo começou também a explorar a utilização da voz em temas tradicionais e outros da sua própria autoria. Dotado de um conjunto de músicos talentosos, o Realejo consegue um equilíbrio notável entre a tradição e a modernidade de que resulta uma música inventiva e personalizada, unanimemente elogiada pela mais exigente crítica musical portuguesa.



©Aurore Vinot

SOFIANE SAIDI & MAZALDA

Argélia

Chamam-lhe “o príncipe do raï 2.0”, o novo expoente do estilo mais febril da música argelina. Natural de Sidi Bel Abbès, aos 15 anos já cantava nos clubes mais lendários de Orão. Em Paris, para onde emigrou, transformou-se numa criatura da noite. Era possível encontrá-lo em cabarets, clubes, bares, a acompanhar DJs à beira do Sena. Depois, chegaram os grandes palcos. Como Khaled com a sua banda mágica nos anos 90, Sofiane Saidi encontrou no sexteto Mazalda o entorno que o ajuda a focar. Uma banda com instrumentos como o saz e o mezoued, mas essencialmente elétrica, trazendo para os nossos dias o raï de sabor clássico que Sofiane tem na voz rouca e quente.



14 MAI
TER 21:00

MAGANO

Portugal

Há quatro anos a paixão pelo Cante Alentejano uniu três músicos: Sofia Ramos, Nuno Ramos e Francisco Brito, cada um com as suas influências e referências musicais próprias. Juntos chamam-se Magano, e dão uma nova expressividade a esta música que é Património Cultural Imaterial da Humanidade. Para o trio, o Cante Alentejano tem algo especial, comum a toda a música tradicional. É uma forma de expressão muito verdadeira e, por isso, com um grande peso emocional. Nuno e Sofia têm uma ligação quase umbilical ao Cante uma vez que, apesar de não serem alentejanos, desde muito cedo tiveram contacto com esta música, muito por “culpa” do avô, que fez parte do grupo coral Safara.

Simultaneamente, Sofia desde os seis anos que se dedicou ao fado, ainda hoje canta em várias casas de fado de Lisboa. Já Nuno, além do Cante, também colaborou em projetos que vão do rock à música eletrónica. Francisco vem de outro “mundo”, o do jazz, mas a música tradicional sempre foi um dos seus grandes interesses.

Lançaram agora o seu primeiro álbum, e com este trabalho pretendem fazer chegar o Cante mais longe, dando-lhe uma nova sonoridade, mas mantendo a integridade que torna esta música tão especial.



©Rita Carmo

BEATRIZ NUNES

Portugal

Canto Primeiro é o título do seu álbum de estreia em 2018, mas não traduz verdade porque Beatriz Nunes, 30 anos, tem um percurso já vasto, feito de estudo e entrega, de experiências intensas, e de exploração de múltiplas vertentes, da música popular e do jazz, à erudição do canto lírico. Na verdade, 30 anos é muito pouco para tanta bagagem. Premiada pela European Jazz Network com um primeiro lugar para a conferência On The Edge, Beatriz Nunes tem feito um percurso entre a música clássica e o jazz. Beatriz Nunes procura os mais elevados espaços para a sua voz e em Canto Primeiro expõe alma e técnica apurada em repertório próprio e até num pequeno tesouro de um grande José Afonso, como quem reclama um lugar numa história que ainda continua a ser escrita.



© Javier L. Navarrete.

28 MAI
TER 21:00

URZE DE LUME

Portugal

Fundado no inverno de 2009, URZE DE LUME é uma forma de memória viva do imaginário ancestral português.

Fortemente inspirado pela tradição ibérica, o projecto procura através da música celebrar as raízes que alimentam a identidade de um povo e que o unem à sua terra.

O seu repertório transmite a alma sobrevivente de uma era em que homem e natureza caminhavam lado a lado, com o respeito pela terra, pelo oculto, e pela sua origem.

Ao longo dos anos, URZE DE LUME veio a afirmar-se como expoente máximo em Portugal de um novo movimento que abraça a espiritualidade e as tradições atávicas não apenas como pontos de partida mas também como directrizes fundamentais nas suas incursões pela música Folk, onde pontificam sobretudo instrumentos étnicos da Península Ibérica, entre os quais o rabel, a gaita mirandesa ou a guitarra campaniça. URZE DE LUME são Ricardo Brito, Tiago Matos, Gonçalo do Carmo e Hugo Araújo.



© DjeterTelemans

REFUGEES FOR REFUGEES BAND

Síria/Tibete/Paquistão/Iraque/Afeganistão/Bélgica

Refugees for Refugees reúne músicos reconhecidos da Síria, do Tibete, do Paquistão, do Iraque, do Afeganistão e da Bélgica, unidos pelo desejo de tecer ligações entre a sua música.

O grupo desenvolveu um repertório original na encruzilhada das suas diferentes tradições. Após dois anos de colaboração, este segundo álbum inicia um novo capítulo na história dos Refugees for Refugees. Representa a reconstrução, a energia nova necessária para mapear uma nova trajetória depois de ter sido desenraizada. Derrubando barreiras musicais, o grupo oferece um rico cardápio de sons, de canções populares afegãs ao refinamento da tradição clássica de Aleppo e Bagdad, através da força pura dos cânticos nómadas tibetanos, da leveza dos sons do Sarod paquistanês, das subtilezas do oud turco e da percussão oriental.



© Justice Mukheli

11 JUN
TER 21:00

BLICK BASSY

Camarões

O terceiro álbum de Blick Bassy, Akö, foi lançado em maio de 2015 pela No Format, uma das melhores editoras francesas no campo da world music mais inventiva. Entre 2015 e 2017 Blick Bassy fez cerca de 200 concertos incluindo apresentações em alguns dos mais prestigiados festivais e salas de espetáculo, como Womex, The Great Escape, Festival de Roskilde, North Sea Jazz Festival, Womad, Montréal Intl Jazz, Lincoln Center, etc.

No impulso do seu aclamado Akö, Blick Bassy lança o album 1958, uma homenagem desafiadora aos heróis que lutaram e morreram pela independência da sua terra natal, os Camarões. O seu foco é específico, mas os seus temas - a escravidão do neocolonialismo, a necessidade de heróis, a relevância da História e a busca pela verdadeira identidade - são universais.

O novo álbum será lançado em Março de 2019.



©Jorge Fuembuena

NIÑO DE ELCHE

Espanha

Francisco Contreras Molina nasceu em Elche, de uma família procedente de Granada. Considerado pela crítica um dos grandes renovadores do flamenco atual, é um “cantaor” atípico. Artista multidisciplinar, combina o cante e o “toque” flamenco com a performance, a poesia, a improvisação.

Todo o flamenco é um canto de ida e de volta. Não só guajiras ou milongas mas também a soleá e a seguiriya. Romances, cabales, peteneras e pregões na dimensão caribenha afro-andaluz. E claro, também o fandango. Esta viagem é a mesma que fizeram o açúcar, o café, o cacau e o rum de cana. Viagem que se interrompeu entre 1810 e 1898. A relação esfriou e saiu o flamenco, tal como o conhecemos hoje em dia.

Com novo álbum a sair proximamente, Niño de Elche tenta dar continuidade a essa relação que foi tão fluida, tão frutífera e tão florescente. Desta vez não se trata de arqueologia mas sim de antecipação. Ativa-se aqui o flamenco do futuro.



©Léa López

12 JUN
QUA 21:00

TOQUES DO CARAMULO

Portugal

Puro folk serrano! Os Toques do Caramulo reinventam-se continuamente, fazendo música nova das velhas cantigas e levando o público a surpreender-se com o repertório esquecido da Serra do Caramulo. Com amplo reconhecimento nacional e internacional, este é um espetáculo de forte energia musical e interação com o público, fazendo de cada concerto uma grande festa para todas as idades.

Esta criação da d'Orfeu AC lançou recentemente o seu terceiro disco – Mexe! – um rodopio alegre e também profundo. Música fresca da nascente, colorida como fim de chuva. O movimento de uma música identitária à míngua do universo todo. E é também um momento feliz deste projeto musical mutante. Toques do Caramulo já era tradição vivida e retocada. Agora mexe!



AMADOU E MARIAM

Mali

Já tudo se disse sobre Amadou & Mariam. Ambos cresceram na arte do encontro, no sentido do jogo coletivo e no espírito de abertura junto a músicos de todos os horizontes e estilos. As suas digressões planetárias permitiram-lhe sedimentar amizades duradouras. Vincent Ségal, Keziah Jones ou K'naan foram convidados e parceiros, o trompetista libanês Ibrahim Malouf ou o guitarrista inglês Johnny Marr impelidos a improvisar com o casal, Manu Chao e Damon Albarn a produzi-los com sensibilidade e entusiasmo. O blues maliano e o afro-blues foram as suas primeiras ferramentas para comunicar histórias e costumes. Com o tempo começaram a misturá-los com o rock e a música eletrónica. Mostrando essa fusão de sons prodigiosos, o duo maliano, que já foi nomeado para os Grammys, é um coletivo incontornável na história da música africana de dimensão mundial. Lançaram o seu último álbum em 2017 “La Confusion” e tem estado em digressão um pouco por todo o mundo a apresentar este novo trabalho.



16 JUL
TER 21:00

MESTRE ANTÓNIO CHAINHO **convida RÃO KYAO**

Portugal

Se a guitarra portuguesa é um símbolo de um país, MESTRE ANTÓNIO CHAINHO é um dos seus mais notáveis embaixadores. Os seus mais de 50 anos de carreira traduzem as múltiplas emoções deste instrumento único no mundo e o talento inigualável de um dos “50 músicos mais influentes da World Music”, segundo a revista internacional Songlines. Artista completo, guitarrista e compositor, partilhou o seu talento com Paco de Lucia, John Williams, José Carreras, Paulo de Carvalho, Maria Bethânia, Elba Ramalho, Caetano Veloso e muitos outros artistas de mundos muito diversos. Mas é na pureza do seu dedilhado e na cumplicidade que estabelece com o público, que se revela a gama de emoções para a qual nasceram e tornam inseparáveis a guitarra portuguesa e Mestre António Chainho. Neste espetáculo convida RÃO KYAO, que se tem distinguido pela sua persistente vontade em redescobrir o Oriente. Fazendo uso da flauta de bambu e do saxofone, encontrando inspiração na música indiana, árabe, africana e chinesa, restabelecendo assim o elo perdido entre a tradição musical portuguesa e o Oriente. Os mais de 20 álbuns que editou até hoje indicia, a intenção expressa de redescobrir as raízes da música tradicional portuguesa, fazem dele um “embaixador” da música portuguesa.



UXÍA

Galiza

Uxía é considerada a grande dama da música galega e uma das maiores divulgadoras da sua poesia. Nos seus mais de 30 anos de carreira artística, renovou a música tradicional galega ligando-a com as culturas atlânticas, misturando alalás (a forma de música tradicional galega mais antiga e característica) com morna, fado e ritmos brasileiros. Desde a sua estreia com Foliada de março em 1986, o seu trabalho representa um ponto de encontro de diferentes culturas, e criou o seu repertório através das suas contínuas viagens e intercâmbios com músicos do Brasil, Portugal, Cabo Verde ou Guiné-Bissau, como João Afonso, Dulce Pontes, António Zambujo, Rui Veloso ou Tito Paris.

Publicou 12 discos, pelos quais recebeu importantes reconhecimentos, dos quais se destacam o Premio da Crítica Galicia 2016 ou o Prémio de Melhor álbum de música de raiz nos Premios de la música independente de Espanha por Meu canto, selecionado também como Top of the World pela revista britânica Songlines. Entre outros projetos, é diretora artística e alma mater do Festival Internacional da Lusofonia, Cantos na maré.



©Alice Lua

15 OUT
TER 21:00

TÓ TRIPS

Portugal

Tó Trips é cofundador de marcos importantes da recente música nacional, como é o caso dos Lulu Blind e membro da fase final de Santa Maria Gasolina em Teu Ventre. É uma das metades dos Dead Combo e um dos músicos portugueses mais respeitados na atualidade.

Guitarrista do melancólico e do luminoso, transforma em som um homem que é profundamente português, fascinado pelas viagens - reais, internas, imaginárias e impossíveis. Regressou a solo em 2015 com o novo disco “Guitarra Makaka – Danças a um Deus Desconhecido”. E mais uma vez não se deixa prender a fórmulas, não obstante possuir, à guitarra, um estilo particularmente distinto.

Isto é, o aparecimento de um novo disco a solo seu deve-se, antes de mais, à necessidade de documentar o desenvolvimento e exploração de uma nova linguagem.



LEYLA McCALLA

EUA/Haiti

Inspirado pelo clima sócio-político dividido nos Estados Unidos, o álbum de Leyla McCalla *The Capitalist Blues*, acabado de lançar no início de 2019 explora os efeitos psicológicos e emocionais de viver numa sociedade onde o dinheiro é rei, e os pobres são entregues à sua sorte. Apesar do pessimismo e do cinismo que o título do álbum evoca, as músicas concentram-se em reconhecer que, embora nos possamos sentir sobrecarregados pela injustiça que acontece ao nosso redor, devemos sempre resistir à tentação de sermos vencidos por ela. *The Capitalist Blues* é um claro afastamento musical da abordagem folk dos seus dois primeiros álbuns de McCalla, aclamados pela crítica. Neste álbum deixou de lado o seu violoncelo em favor da guitarra e do banjo e convocou para a produção um veterano dos clubes de jazz de Nova Orleães, Jimmy Horn, da King James & the Special Men. Um elenco rotativo de músicos - incluindo especialistas nas tradições vivas de vários estilos, haitiano, brasileiro, cajun, zydeco e calipso - fornece as sensações e texturas que Leyla queria.



29 OUT
TER 21:00

GALANDUM GALUNDAINA

Portugal

Galandum Galundaina faz parte da genealogia de uma região com um património musical e etnográfico único, que durante muito tempo ficou esquecido. Ao longo dos últimos 20 anos o grupo contribuiu para o estudo, preservação e divulgação da identidade cultural das Terras de Miranda, Nordeste Transmontano.

O seu trabalho de investigação e recolha, junto de pessoas mais velhas com conhecimentos rigorosos do legado musical da região, a par da formação académica na área da música, concretizou-se num sentido renovado no modo de entender as sonoridades que desde sempre conheceram. Procuram descrever os lugares e a vida; encontrar as raízes que permitem que a cultura se desenvolva.

Em palco os quatro elementos apresentam um repertório vocal e instrumental na herança do cancionero tradicional das Terras de Miranda, onde as harmonias vocais e o ritmo das percussões nos transportam para um universo atemporal e nasce uma música que acumula referências, lugares, intensidades, tempos. Em 2010 para além da atribuição do Prémio Megafone, o álbum Senhor Galandum foi reconhecido pelos jornais Público e Blitz como um dos dez melhores.



©AlfredoSrrur

MELINGO

Argentina

Ao vivo, Melingo, voz marcada pela vida, é um portento de alma e emoção, que consegue incorporar o lado maldito do rock de Nick Cave e da chanson de Serge Gainsbourg na criação elevada por Gardel até à condição de banda sonora por excelência das vielas de Buenos Aires. Em Paris, Melingo ainda aprendeu algo do cabaret que faz com que a sua música soe melhor com luzes baixas e um copo na mesa em frente a nós. As suas canções pegam no tango e retorcem-no, sem nunca o descaracterizar.

Melingo soa perfeito por cima de bandoneon e baixo, por cima de trombone ou guitarra. Ao vivo, é um actor possuído que vive as histórias negras de que falam as canções. No britânico Guardian afirmou-se que «a extravagante teatralidade dos seus concertos irá conduzir Melingo ao sucesso internacional.» Sem dúvida. Melingo regressa a Portugal para apresentar o disco novo que sairá em Outubro.



©Buddy_hires

19 NOV
TER 21:00

LULA PENA

Portugal

Com uma abordagem singular à canção popular global que a levou a conquistar devotos por todo o mundo, Lula Pena convida a fazer uma travessia pelo mundo da lusofonia através da sua música. A relação com o Brasil e a ligação ao mundo de língua portuguesa são uma constante no trabalho da guitarrista e intérprete. Lançou o seu disco de estreia “Phados”, em 1998 e o seu sucessor “Troubadour”, em 2010. O seu mais recente disco, “Arquivo Pittoresco”, editado em 2017 pela editora belga Crammed Discs, é mais uma peça para entender o fascínio e a essência de Lula Pena.

O álbum é um fluxo contínuo, em que as canções se entrelaçam umas nas outras sem nunca se atropelarem, uma viagem que passa por vários originais ou meio-originais de sua autoria.



MUZSIKÁS

Hungria

Vencedores do prestigiado prémio WOMEX para World Music, após 44 anos de uma comprovada carreira, MUZSIKÁS é o grupo de música popular húngara com maior reconhecimento internacional. MUZSIKÁS teve um papel pioneiro na popularidade global que música tradicional húngara atingiu, sendo agora um nicho bem estabelecido no panorama da world music.

As suas qualidades musicais únicas, conhecimento instrumental e versatilidade musical, permitem-lhes envolver-se em diferentes cenas musicais, colaborando com vários músicos e grupos conceituados, do tradicional e world music ao clássico, klezmer e jazz, e até mesmo ao rock alternativo. As suas performances excecionais já estiveram nos palcos dos maiores festivais e nas mais importantes salas de concerto, como o Carnegie Hall, em Nova York.



@Miguel Refresco

17 DEZ
TER 21:00

CAPICUA

Portugal

Capicua nasce no Porto, onde descobre a cultura hip hop (primeiro pelo grafitti e progressivamente pela música). Socióloga de formação, considera-se uma rapper militante. Com uma vasta discografia (própria e em coletivo) tem somado concertos pelo país, conquistando um público diverso e o reconhecimento da crítica. Conhecida pela sua escrita emotiva e politicamente engajada, pela espontaneidade e por uma clara atitude feminista, tem acumulado colaborações com vários artistas lusófonos, bem como diversas conferências, workshops e projetos sociais. De assinalar é também o seu aclamado percurso como letrista e a sua atividade como cronista.

Depois de alguns anos sem editar um disco de originais a solo, Capicua regressa com novo trabalho e novo espetáculo, cuja estreia em Lisboa acontece no Teatro da Trindade.

CICLO MUNDOS 2019

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Rua Nova da Trindade, 9
1200-301 LISBOA
+351 213 423 200

teatro.trindade@inatel.pt
teatrotrindade.inatel.pt

BILHETEIRA

+351 213 420 000
bilheteira.trindade@inatel.pt

BILHETEIRA ONLINE

teatrodatrindade-inatel.bol.pt/

TRANSPORTES PÚBLICOS

Metro - Estação Baixa- Chiado

Autocarros - 758 e 202
(serviço madrugada)

Elétricos - 24 e 28

Comboios - Estações Cais do Sodré e Rossio

PARQUES DE ESTACIONAMENTO

Praça Luís de Camões e Chiado

